

UM GOVERNO FRACO

(Jornal do Brasil - 22/04/2004)

Esperava mais do Presidente Lula. Apesar de ter sido apoiado por um movimento liderado por pessoas que violentam o Direito e a Ordem --como é o caso do subversivo Stédile, que, em qualquer país civilizado, já estaria preso— assim como por Sindicatos de servidores públicos, que gozam de aposentadorias e vencimentos privilegiados --no caso de proventos em valores 10 vezes superiores a média dos brasileiros do segmento privado-- sem correrem o risco do desemprego, tinha a esperança de que governaria o país para os brasileiros e não para os grupos que o apoiaram.

Minha convicção residia no fato de que apesar de seu partido ter perdido a eleição em quase todos os Estados, tendo em torno de 30% da votação dos brasileiros, a sua eleição se deu com o apoio de 60% dos brasileiros, que nele depositaram a confiança de todos os credos, políticas e ideologias.

A própria escolha inicial de Pallocci, Meirelles, Furlan e Rodrigues para ministros da área econômica (o Banco Central é quase um Ministério) demonstrava que sua preocupação era mais com o país do que com seus colegas de partido e com os incendiários da ordem.

Infelizmente, Stédile revelou-se mais forte que Lula. Tem o Presidente capitulado a qualquer sua exigência ou ameaça, sem perceber que o Brasil tem 2 vezes e meia mais agricultores que os Estados Unidos e é uma das nações mais competitivas neste setor, no mundo inteiro. Por esta razão, é que os Estados Unidos e União Européia se opõem a abrir mercados para o Brasil, por receio de uma concorrência em setores em que o Brasil é mais forte.

É que Stédile não pretende fazer a reforma agrária. Esta já vinha sendo feita por gente que dela entendia. Pretende ele, em verdade, mostrar que manda no Brasil, mais do que Lula. Prometeu um inferno em abril. O governo correu para oferecer-lhe quase 2 bilhões de reais. Não foi suficiente. Ele continua violando a ordem e a lei, mandando seus seguidores invadirem propriedades agrícolas, de forma orquestrada, em todo o país. E o governo, de novo, atendeu-lhe, desapropriando 24 fazendas. Nem por isto, os invasões pararam. Sabe, o vocacionado tiranete, que a lei não existe, no Brasil, porque o governo não sabe como agir contra ele. Não tem coragem de mandar prendê-lo por incitar a desordem, o descumprimento da lei, a destruição de propriedades alheias e o desrespeito à Constituição. A fraqueza do Presidente, à evidência, fortalece seus projetos de conquista de poder, que instrumentaliza, via MST.

Quanto mais fraco for o presidente e seu Ministro da Reforma Agrária --ex-MST—tanto mais a desordem se instalará no país.

No plano internacional, tem defendido teses corretas, de forma incorreta.

Não precisaria ter prestigiado, desde o início de seu governo, o Pinochet de Cuba, visto que Fidel Castro assassinou, sem julgamento, em torno de 17.000 pessoas para consolidar sua ditadura. É possível que Bush, no Iraque, venha a matar mais iraquianos do que Fidel matou cubanos, o que não representa, todavia, nenhuma atenuante a atuação do ditador daquela ilha. O seu apoio ao derrotado governo de Chaves foi outro erro inicial, que alertou muitos países desenvolvidos sobre a tendência esquerdista-marxista de grande parte de seus assessores, colocando-os de sobreaviso.

Desta forma, ao defender corretamente a não entrada do Brasil neste tresloucado conflito do descompassado Presidente americano, ao não permitir que o Brasil, cuja tecnologia nuclear foi obtida por mérito próprio --graças à inteligência do Contra-Almirante Oton, ao construir o complexo de Aramar-- fosse desvendada para os países, que não revelam suas tecnologias; ao não concordar, nas rodadas do milênio, com a tese dos países desenvolvidos, de defender a livre iniciativa onde são competitivos, e o protecionismo onde não o são, evidentemente defendeu as teses corretas, mas de forma incorreta.

É que, em vez de enfatizar que o país pretendia apenas preservar sua soberania e que obter tratamento de cessões e contracessões econômicas, passou a idéia de que estava liderando, não nações soberanas emergentes, mas nações adversárias dos países desenvolvidos.

O diálogo, portanto, entre nações desenvolvidas e emergentes para definir os limites da soberania, assumiu o tom de confronto entre países tendentes ao marxismo e os países capitalistas. E, evidentemente, nesse clima, o diálogo não tem prosperado, porque gera mais receio do que soluções.

E, à nitidez, com o fortalecimento de uma burocracia esclerosada, sem quadros competentes --é fantástico o despreparo de grande parte de sua equipe--, com uma política tributária confiscatória que gera estagnação na economia, desemprego, informalidade e corrupção, com juros reais que poderiam ser calibrados a menor --visto que se estivessem 3 a 4 vezes acima dos juros internacionais já representaria excelente ganho para os investidores externos e alívio para a economia-- o país vê crescer a desordem, graças ao MST e a burocracia enquistada no poder, patinando em nível de PIB. Basta lembrar que o Brasil caiu para 15ª. economia do mundo, em seu governo, com o desemprego crescendo e o descontentamento geral cada vez maior.

Como, pessoalmente, gosto do Presidente Lula, nele vendo, indiscutivelmente, um líder carismático, escrevo este artigo de desabafo, na esperança de que reflita sobre a situação em que o país se encontra, e passe efetivamente a governar o Brasil, não deixando que os "Stéidiles da vida" contaminem seu governo.